

Os estudantes adultos não tradicionais e a aprendizagem no Ensino Superior: linhas orientadoras para uma melhor integração destes novos públicos¹

Resumo

As orientações políticas no sentido do desenvolvimento de uma sociedade baseada em conhecimento colocaram novas preocupações na agenda da União Europeia e dos governos dos vários países, uma vez que para atingir tais objectivos são necessárias, não só infra-estruturas tecnológicas, mas também uma força de trabalho com as capacidades e competências adequadas, forjadas numa educação/formação inicial bem estruturada e, num processo contínuo de aprendizagem, disponível a todos os cidadãos, incluindo aqueles a quem as várias circunstâncias da vida não permitiram o progresso através de um percurso de educação formal. A massificação do ensino superior determinou que estas instituições acolhessem estudantes com percursos de aprendizagem não formal e informal². No entanto, de forma genérica, estas instituições ainda não manifestam a preocupação de se adaptarem às necessidades destes novos públicos.

O estudo das expectativas dos estudantes adultos, não tradicionais, bem como das suas principais motivações para o ingresso, ou re-ingresso, no ensino superior, além das barreiras encontradas neste processo, foi o objectivo do projecto *LIHE – Learning in Higher Education* [100703-CP-1-2002-1-UK-GRUNDTVIG-GI].

Esta comunicação, após uma breve referência à necessidade de promover a aprendizagem ao longo da vida, no Ensino Superior, como elemento chave na construção de uma Sociedade do Conhecimento, apresentará alguns dos resultados sobre a identificação de boas práticas para uma melhor integração dos estudantes adultos não tradicionais, no ensino superior.

Palavras-chave: estudantes adultos não tradicionais, ensino superior, aprendizagem ao longo da vida, Europa, questionários, entrevistas, Portugal

1. Introdução

¹ Correia, A e Mesquita, A. (2005). *Os estudantes adultos não tradicionais e a aprendizagem no Ensino Superior: linhas orientadoras para uma melhor integração destes novos públicos*. Artigo submetido à 6ª Conferência da Associação Portuguesa de Sistemas de Informação, 26-28 Outubro, ESTG, Bragança

² A aprendizagem formal é aquela tradicionalmente dispensada por um estabelecimento de ensino ou de formação, estruturada (em termos de objectivos, duração e recursos), conducente à certificação. É intencional do ponto de vista do aprendente. A aprendizagem não formal é aquela que não é dispensada por um estabelecimento de ensino ou de formação, que não conduz tradicionalmente à certificação. É, todavia, estruturada (em termos de objectivos, duração e recursos). É intencional do ponto de vista do aprendente. A aprendizagem informal é a que decorre das actividades da vida quotidiana, relacionadas com a actividade profissional, a vida familiar ou o lazer. Não é estruturada (em termos de objectivos, duração e recursos) e tradicionalmente não conduz à certificação. Pode ser intencional mas, na maioria dos casos, não o é (carácter “fortuito”/aleatório). [Comissão... 2001] URL: http://europa.eu.int/comm/education/policies/lll/life/communication/com_pt.pdf².

O desenvolvimento de uma Sociedade do Conhecimento necessita de infra-estruturas tecnológicas que a suportem e apoiem, bem como de uma força de trabalho com as necessárias competências e conhecimentos, cimentados numa formação inicial bem estruturada e num programa de aprendizagem contínua ao longo da vida. Estas oportunidades educativas devem estar disponíveis para todos os cidadãos, não apenas para os jovens com possibilidade de seguirem uma formação dita convencional, mas para todos aqueles a quem as circunstâncias da vida não permitiram frequentar o ensino formal. Apesar da Europa ser uma sociedade altamente instruída, apenas 21% da população da UE em idade activa concluiu estudos de nível superior, número este que se situa muito abaixo dos EUA (38%), do Canadá (43%), do Japão (36%) e até da Coreia do Sul (26%). Tais números levam-nos a concluir que existe uma necessidade premente de ajudar a reter os alunos no ensino de forma a que estes concluam a sua formação inicial, incentivar o ingresso, nas instituições de ensino superior, de novos públicos, nomeadamente estudantes adultos, até agora afastados deste tipo de ensino e motivar todos os cidadãos a prosseguirem a sua formação ao longo da vida, para assim responderem aos desafios da Estratégia de Lisboa. [COM 2005:3].

A abertura das instituições de ensino superior a estes novos públicos é, também, o resultado de orientações políticas para acesso / ingresso mais flexíveis, da melhoria da orientação e aconselhamento antes e durante o ES e da necessidade de responder a mercados de trabalho caracterizados por uma grande volatilidade, dada a aceleração da evolução tecnológica que acentua a obsolescência das qualificações da população activa [COM 2005:6].

Durante muito tempo, as universidades foram consideradas o domínio de uma elite [Merrill, 2001]. Recentemente, esta situação alterou-se. As universidades abriram as suas portas a todos e tornaram-se acessíveis a toda uma população suficientemente vasta de estudantes, quebrando-se, assim, o vínculo entre a origem social e o nível de habilitações atingido [COM 2005:6]. Tal situação permitiu que novos grupos de estudantes, tradicionalmente excluídos ou sub-representados no Ensino Superior (ES) beneficiassem duma educação formal de nível superior. Apesar destes estudantes terem uma vasta experiência, também têm alguma dificuldade em se adaptarem às abordagens de ensino aprendizagem, a este nível de ensino. Além disso, as suas atitudes face à aprendizagem e problemas não são necessariamente os mesmos dos estudantes tradicionais. No entanto, espera-se que eles se sintam totalmente confortáveis em instituições de ensino concebidas para estudantes tradicionais.

Estes Estudantes Adultos (EA) representam, em muitos países, um sector crescente no contexto da população do ES. Estes alunos caracterizam-se, também, por terem interrompido o percurso escolar regular, por períodos mais ou menos longos, nos quais desenvolveram experiências profissionais ou de vida, antes de regressarem ou de ingressarem no ES [Bourgeois *et al.* 1999:5].

Para que a Universidade possa contribuir para a prosperidade económica de países e regiões, e responder às exigências das agendas políticas dos governos que, crescentemente, determinam o fortalecimento do papel do ES como elemento vital para a inclusão social, as instituições de ES deverão considerar os EA como um grupo que traz, para a vida universitária, uma enorme vitalidade, pela sua atitude no que concerne o estudo e aprendizagem e até como uma força de mudança imparável para as instituições. As instituições de ensino superior desempenham um papel vital e único no campo da pesquisa, investigação e aplicação dos resultados, além da educação e formação, em particular, na formação de investigadores e do desenvolvimento local e regional para o qual podem contribuir enormemente [COM 2003:5]. Para além disso, as universidades também contribuem para a criação de emprego e coesão social e aumento do nível de educação, na Europa. Actualmente há mais jovens com formação de nível superior do que há alguns anos atrás (cerca de 20% nas idades compreendidas entre os 35-39 concluíram estudos superiores, enquanto que para os cidadãos com idades compreendidas na faixa etária dos 55-59 anos, esta percentagem é de apenas 12,5%). Se olharmos para a taxa de emprego, vemos que dos cidadãos com idades compreendidas entre 25-64 anos a taxa de emprego, dos titulares de

diplomas do ES é de 84% em 2001, isto é, quase 30 pontos acima das pessoas que apenas tinham o ensino secundário. Também a taxa de desemprego é mais elevada entre os que não possuem uma formação de nível superior [COM 2003:5]. Como se constata pelos números atrás referidos, o papel das universidades não se pode ficar apenas pela formação dos jovens, devendo alargar-se a toda uma população, de forma que nenhum cidadão fique excluído deste tipo de ensino. Para além disso, dado ritmo e as exigências das mudanças sócio-económicas e tecnológicas, esta formação deve ocorrer ao longo da vida. Como refere ainda a mesma comunicação, “a procura pela formação de nível superior vai continuar a aumentar, determinada pelos objectivos de alguns países em aumentarem o número de estudantes no ensino superior e pela necessidade de formação ao longo da vida” [COM 2003:6].

Assim, a realização de estudos sistemáticos e comparados sobre as aspirações e expectativas dos EA, das principais motivações para ingressarem e/ou regressarem ao ES e das barreiras encontradas neste ingresso, bem como das dificuldades experienciadas no processo de ensino – aprendizagem, assumem um papel crucial para facultar elementos actualizados aos decisores políticos. É neste contexto que se situa o estudo realizado no âmbito do projecto *LIHE – Learning in Higher Education: Improving the learning experience and learning environment*³ [100703-CP-1-2002-1-UK-GRUNDTVIG-GI]. Este projecto visou proporcionar o conhecimento sobre melhores práticas já em curso e que poderão contribuir para que as instituições de ES gizem estratégias e encontrem abordagens inovadoras que proporcionem o acolhimento no seu seio de uma população, cada vez mais numerosa, de EA, assegurando, dentro de parâmetros de qualidade e excelência, o sucesso destes nos seus percursos académicos.

Nas secções seguintes apresenta-se o projecto *LIHE* bem como alguns resultados de um dos estudos de caso e que possibilitam já obter um retrato da situação portuguesa no que concerne a formação de EA no ES, além de avançarmos com propostas que promovam a atracção e inserção da aprendizagem ao longo da vida para este tipo de estudante.

2. O projecto *LIHE*

O projecto *LIHE* está integrado na acção GRUNDTVIG, do programa Europeu para a educação Socrates⁴, cujo objectivo consiste em promover a dimensão europeia e melhorar a qualidade da educação através do encorajamento da cooperação entre os países participantes.

O projecto *LIHE* teve como objectivos específicos (1) identificar as melhores práticas e abordagens existentes, a nível europeu, para o ensino e aprendizagem adequados a EA, bem como as suas necessidades particulares, através do levantamento de experiências, processos e condições de ensino e aprendizagem de EA ‘não tradicionais’ (EANT) em instituições de ES, em vários países europeus e (2) contribuir para o desenvolvimento de abordagens pedagógicas e de estruturas curriculares mais apelativas a este público-alvo. A finalidade do *LIHE* traduz-se, em suma, na promoção, a nível da Europa, do ensino ao longo da vida através da sensibilização de decisores políticos para a problemática do ensino e aprendizagem de EA no ES.

No contexto deste trabalho, os EANT, regressando ao ES, são definidos como

tendo idade superior a 25 anos, abandonaram o percurso escolar sem qualificações, tendo estado afastados do sistema de ensino durante bastante tempo, não terem experiência prévia do ES e/ou provirem de grupos socialmente desprotegidos, podendo aplicar-se um ou mais destes factores.

³ <http://www2.warwick.ac.uk/study/cll/research/lihe/>

⁴ http://europa.eu.int/comm/education/programmes_en.html

Os parceiros envolvidos no *LIHE* foram instituições de ES de sete países: a Alemanha, a Espanha, a Finlândia, a Irlanda, Portugal, o Reino Unido e a Suécia. O parceiro português do projecto *LIHE* foi o ISEGI – Instituto Superior de Estatística e Gestão de Informação, da UNL – Universidade Nova de Lisboa.

O desenho do projecto incluiu várias fases. Numa primeira fase procedeu-se ao levantamento através de questionário, junto de EANT, de aspectos relacionados, entre outros, com as motivações que os levaram ao ES, das barreiras percebidas nesse ingresso/regresso, bem como das suas percepções quanto às abordagens pedagógicas usadas e métodos de avaliação utilizados e preferidos. Os questionários foram administrados entre Janeiro e Março de 2003, primeiro por correio electrónico e, depois, dado o reduzido número de respostas, pessoalmente, no decurso de aulas frequentadas por EA. O questionário encontrava-se dividido em quatro partes destinadas a recolher informação sobre: i) dados pessoais [inquiria-se, entre outros aspectos, sobre a tipologia do regime de estudo (tempo inteiro ou parcial), sexo, idade, nacionalidade, situação profissional actual], ii) experiência educacional anterior (tipo de ensino frequentado, se interrompeu, ou não, os estudos, qualificações que possuía aquando dessa interrupção, formação frequentada durante a interrupção), iii) emprego (situação antes de ter recomeçado os estudos) e iv) caracterização dos estudos, já realizados, no ES (designadamente sobre factores que influenciaram a decisão de estudar no ES, barreiras no acesso ao ES, abordagens de ensino-aprendizagem mais utilizadas e preferências sobre as mesmas, tipo de avaliação utilizada e preferida, tomando como referência o programa de estudos presentemente frequentado pelos alunos).

Na fase seguinte, realizaram-se 20 entrevistas biográficas semi estruturadas a EA, onde se procurou aprofundar algumas das questões abordadas na primeira fase. O objectivo era obter uma imagem o mais próxima possível da experiência de aprendizagem de cada indivíduo. Os tópicos abordados incluíram os motivos que levaram o estudante a regressar, em determinada altura da sua vida, à Escola, bem como as experiências de ensino e aprendizagem e as dificuldades experienciadas. Em resumo, solicitava-se que nos contassem a história da sua vida [Polkinghorne 1995] como forma de compreender os seus problemas e frustrações. A cada estudante foi pedido que nos contasse a sua história no que concerne o seu percurso educativo e o entrevistador apenas intervinha para guiar o entrevistado para o tópico relevante (por exemplo, perguntando-lhe sobre as abordagens pedagógicas ou os métodos de avaliação, usados e preferidos).

Finalmente, na última fase, foram entrevistados alguns docentes para identificar a perspectiva destes sobre a problemática do ensino de adultos.

De entre os produtos finais do projecto, inclui-se um manual de “boas práticas” para o ES, tendo em vista contribuir para a identificação e difusão de abordagens e práticas inovadoras de ensino e aprendizagem de EA, na Europa. Alguns aspectos relativos a este manual serão apresentados nas secções 4 e 5. Com base nos resultados obtidos neste projecto serão, também, produzidas recomendações políticas à UE e aos governos nacionais, que permitam adaptar os sistemas de ES às necessidades dos EA ‘não tradicionais’.

3. Caracterização do caso português

Uma vez que o objectivo do *LIHE* consistiu no estudo da população de EANT no ES, foi necessário identificar, como amostra para a realização do mesmo, em cada um dos países participantes no consórcio, EA em instituições, cursos ou regimes vocacionados para este tipo de estudante. No caso de Portugal, pelo facto do sistema de ES ser dualitário, composto por Universidades e Politécnicos, cada um com características próprias, decidiu-se que esta selecção devia contemplar ambos os sistemas. Assim, as instituições e os EA seleccionados provêm dos seguintes organismos e cursos:

- Instituto Superior de Estatística e Gestão da Informação (ISEGI) da Universidade Nova de Lisboa (UNL) – Licenciatura em Estatística e Gestão da Informação (Licenciatura Terminal)
- Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (ISCAP) do Instituto Politécnico do Porto (IPP) – Licenciatura em Marketing e da Licenciatura em Secretariado de Gestão.

Do ISEGI obtiveram-se 36 respostas (34,9% dos alunos inscritos no ano lectivo de 2002/2003) e do ISCAP, de ambos os cursos, conseguiram-se 19 respostas (16,8% dos alunos inscritos no ano lectivo de 2002/2003). Em ambos os casos – ISEGI e ISCAP – apenas se validaram questionários respondidos por estudantes que verificassem as condições dos EA ‘não tradicionais’, anteriormente descritas, ou seja respostas de alunos que tivessem menos de 25 anos não foram consideradas.

Quanto às características dos respondentes, estas são:

Do ISEGI, a maior parte dos estudantes que respondeu ao questionário trabalha e estuda em simultâneo (77,8%; 28 alunos), são adultos jovens — entre os 25 e os 34 anos de idade (69,4%; 25 alunos), são de nacionalidade portuguesa (72,2%; 26 alunos; 22,2% dos alunos são provenientes dos PALOP⁵), exercem uma actividade como técnicos (30,6%; 11 alunos), profissionais liberais ou quadros superiores (22,2%; 8) e vivem com a esposa / marido ou, então, sozinhos. Quanto à distribuição por sexo, existe um número igual de homens e mulheres (18 homens e 18 mulheres).

Quanto aos inquiridos do ISCAP, a maior parte trabalha e estuda ao mesmo tempo (78,9%; 15 alunos), são adultos jovens entre os 25 e os 34 anos de idade (89,5%; 17 alunos), são de nacionalidade portuguesa (100%), exercem uma actividade como técnicos (15,7%; 3) ou administrativos (31,5%; 6) e vivem com os pais (57,9%), com a esposa / marido (15,8%) ou com o /a parceiro/a e filhos (15,8%). 63,2% (12) dos inquiridos são do sexo feminino, enquanto que 36,8% (7) são do sexo masculino.

4. Problemática dos estudantes adultos no ensino superior

Na maioria dos casos, os EANT terão estado fora do sistema educativo durante vários anos e muitos sentem-se inseguros e com falta de confiança em relação às suas capacidades de aprendizagem. Embora muitos adultos se encontrem altamente motivados para aprender, alguns terão tido experiências escolares e aprendizagens prévias negativas. Alguns podem mesmo possuir menos qualificações formais do que os estudantes jovens. Contudo, os EANT têm uma grande diversidade de experiências de vida e de trabalho, sendo provenientes de meios sociais, económicos e educacionais diversos, o que, por si só, constitui um recurso de aprendizagem valioso. Para que eles tenham sucesso nos seus estudos, é importante prepará-los e apoiá-los antes do ingresso em programas de estudo em instituições de ensino superior (IES).

Os EANT podem sentir-se ansiosos ao ingressarem no ES por terem de conviver com estudantes jovens que, à partida, dominam melhor as tecnologias de informação e comunicação (TIC) e, ainda, por terem de estudar assuntos novos, não obstante disporem, de uma forma genérica, de capacidades para o fazer. Neste contexto, torna-se importante empregar estratégias e práticas para desenvolver a autoconfiança em relação às capacidades de aprendizagem que os EANT possuem. É importante que estes sintam que a Universidade é também um espaço que lhes pode pertencer e que não constitui, apenas, uma prerrogativa dos estudantes jovens.

O processo de preparar EANT para o seu ingresso e participação em programas de estudo no ES deve incluir o desenvolvimento de capacidades pessoais, para estudo e de aprendizagem, bem

⁵ PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

como a familiarização com a instituição. Este processo decorre a vários níveis — pessoal, institucional, académico e societal:

- Pessoal — consiste na organização da vida profissional e da vida familiar — *e.g.* assegurar a guarda dos filhos nos períodos em que tiverem que se ausentar do ambiente familiar, o apoio aos membros da família — e, ainda, no desenvolvimento de autoconfiança;
- Académico — inclui-se aqui o desenvolvimento de capacidades de estudo, de utilização das TIC — *e.g.* como utilizar os recursos informáticos disponibilizados no *Campus*, como usar um computador, como adquirir competências em literacia em informação — isto é, como pesquisar, recuperar e avaliar informação existente em qualquer *media* —, bem como capacidades de comunicação;
- Institucionais — abarca a familiarização com as instalações da universidade como sejam, a localização dos serviços da Administração, o conhecimento dos serviços prestados pela Biblioteca e a sua utilização, da Associação Académica, dos departamentos universitários relevantes, da natureza e da oportunidade de acesso aos serviços de apoio, do Centro de Desportos, das cafetarias e, ainda, com quaisquer esquemas de *mentoring* disponíveis, que lhes facilitem a sua socialização e inclusão, na vida universitária;
- Societal — neste âmbito, situam-se as políticas de apoio à aprendizagem ao longo da vida (ALV) e de aprendizagem de adultos no ES.

5. Actividades e estratégias para aumentar o número de estudantes adultos não tradicionais no ensino superior

Tal como se encontra identificado no manual “Enriquecendo o Ensino Superior: Aprender e Ensinar com Estudantes Adultos Não-Tradicionais⁶, produzido em resultado do *LIHE*, as actividades e estratégias com o objectivo de aumentar o número de estudantes adultos no ensino superior podem ser realizadas a nível Macro (relacionadas com o desenvolvimento de políticas e estruturas nacionais e europeias), Meso (aspectos institucionais) e Micro (experiências de aprendizagem dos estudantes adultos). Neste artigo vamos focar-nos, apenas, no nível micro. Os aspectos relacionados com este nível incluem (1) fases preparatórias antes do ingresso no ES, (2) Planos de estudo pessoais, (3) avaliação e informação de retorno.

5.1. Fases preparatórias que antecedem o ingresso no ensino superior

As instituições de ensino superior devem estar preparadas para acolher os estudantes adultos através do desenvolvimento de estratégias e actividades que se devem iniciar muito antes do recrutamento de EA e se devem prolongar, com vista à sua retenção e sucesso na conclusão do plano de estudos que frequentam. Estas actividades devem incluir, entre outras:

- Promover seminários e outros eventos para formação de pessoal, com vista a delinear e focar as estratégias e as actividades institucionais dirigidas aos EANT;
- Proporcionar formação ao pessoal académico, tendo em vista capacitá-los para responderem às aspirações, requisitos e necessidades de aprendizagem de EANT;
- “Embeber” a participação dos EANT em todas as actividades de planeamento, através da existência duma estrutura curricular, flexível e adequada (*e.g.* horários de aulas/seminários, formas de ensino não-tradicionais, ensino a tempo parcial, ensino

⁶ Manual em versão inglesa disponível em <http://www2.warwick.ac.uk/study/cll/research/lihe/lihehandbook.pdf>

baseado no posto de trabalho e *APEL*⁷/reconhecimento de aprendizagens não-formais e informais);

- Tornar flexíveis programas de estudo, envolvendo, por exemplo, organização por módulos e esquemas para acumulação e transferência de créditos; a possibilidade de existência de diversos pontos de entrada; a facilidade/possibilidade da conversão de programas de estudo a tempo integral noutros, a tempo parcial;
- Estabelecer e manter um sistema de gestão de informação que permita, não só monitorar o progresso dos EANT desde as fases de pré-admissão, como também, avaliar a eficácia das medidas tomadas pelas IES, com vista a promover a retenção e o sucesso destes estudantes.

O desenvolvimento de uma envolvente amigável para acolher os EANT no ES é essencial e deve começar mesmo antes dos mesmos formalizarem as respectivas candidaturas. O objetivo consiste em criar uma imagem pública da IES próxima dos potenciais candidatos, através do desenvolvimento de materiais de *marketing*, da realização de acções exteriores junto da comunidade, trabalhando com *Colleges of Further Education (CFE)* e/ou de outras entidades promotoras de educação de adultos, designadamente, criando o Ano Zero e desenvolvendo cursos abertos que permitam dar a conhecer em que consiste estudar ao nível superior.

Exemplos das melhores práticas incluem a promoção de **Dias Abertos para potenciais EANT** — estas realizações consistem em visitas guiadas à universidade, mostrando as instalações e laboratórios, proporcionando, ainda, o encontro com elementos da IES (docentes, pessoal de apoio, colegas da Associação Académica), assim como com EANT que se encontram já a frequentar o ES, para que estes respondam a questões suscitadas e forneçam informação; o desenvolvimento e oferta aos potenciais estudantes, de **orientação de pré-entrada**, atribuindo a determinadas pessoas na instituição a responsabilidade de responder a perguntas e fornecer informação actualizada sobre programas de estudo e aconselhamento sobre vias de acesso e as respectivas opções possíveis; fornecer **folhetos sobre a universidade**, incluindo informação acerca de eventual apoio financeiro a estudantes com maiores dificuldades, difundir informação sobre os departamentos académicos e, ainda, os serviços de apoio mais relevantes para os EANT; a implementação de esquemas de **mentorização** (*mentoring schemes*) envolvendo membros do pessoal e/ou estudantes do ES, através de contacto pessoal ou via correio electrónico; a oferta de **Cursos de Verão** aos potenciais candidatos, tanto residenciais como não residenciais (a vantagem dos primeiros consiste em permitir aos participantes mergulhar durante um dado período numa acção de formação; desta forma, tornam-se mais eficientes pois proporcionam, aos candidatos, uma oportunidade para escaparem a quaisquer ambientes negativos, embora, naturalmente, se reconheça a dificuldade em conseguir a participação em regime residencial por todos aqueles que têm responsabilidades familiares); oferta de **Taster Courses** para aqueles que se interrogam acerca das suas capacidades e se sentem inseguros sobre a possibilidade e a oportunidade de estudarem no ES; oferta de **Cursos Abertos** – de preferência abrindo a possibilidade de os candidatos que os terminarem com sucesso capitalizarem créditos para a frequência de qualquer programa de estudos de nível superior dentro da IES onde os mesmos foram obtidos – e à distância, contribuindo para ultrapassar obstáculos relacionados com as dificuldades de flexibilidade temporal.

Um dos problemas identificados nos EA consiste na sua falta de auto confiança para frequentarem e completarem um curso superior. Esta confiança podia ser desenvolvida através de **cursos de pré admissão**. Um outro problema é a ansiedade que muitos estudantes sentem nos primeiros dias no início da sua nova vida académica e que podia ser aliviada através de um programa de **dias / semanas de indução** antes do início do programa de estudos. Tais programas podiam contemplar o fornecimento de informação sobre a instituição, as suas facilidades, horários, bem como competências de estudo, entre outras. Os programas de indução

⁷ *Accreditation of Prior Experiential Learning*

devem incluir uma visita às instalações da Biblioteca para que os estudantes se familiarizem com os seus serviços e regulamentos, bem como uma introdução aos laboratórios de recursos de informática. Os regulamentos da instituição devem estar exibidos em local visível e devem incluir informação sobre repetição de módulos / anos, sistema de avaliação, de sistemas de mentoriação (*mentoring*) e de acompanhamento pessoal. Deve também, ser facultado aos EA informação sobre a existência de aconselhamento financeiro e pessoal.

5.2. Plano de estudos pessoal⁸

Uma componente para o desenvolvimento de uma atitude positiva e colaboração estreita ente estudantes, é através do seu envolvimento no seu percurso de aprendizagem, isto é, através do desenvolvimento de um Plano de Desenvolvimento Pessoal (PDP)/Plano de Estudos Pessoal (PEP)⁹. Os PDP/PEP são planos e compromissos comuns, escritos em colaboração com o estudante. O seu objectivo é melhorar o processo de estudo permitindo discussões sobre tudo o que diga respeito ao processo de aprendizagem: experiências, família, trabalho, amigos, *hobbies*, obstáculos, etc. Durante as discussões para o desenvolvimento do PDP/PEP, o tutor e o aluno constroem em conjunto uma compreensão partilhada do ponto de partida dos estudos e os objectivos e estudos relacionados com os outros aspectos da sua vida. Em conjunto, consideram caminhos alternativos para o prosseguimento dos estudos no ensino superior, determinando os objectivos e a melhor forma de os atingir. Este acompanhamento inclui o fornecimento de ferramentas que permitam o planeamento do estudo e formas de ultrapassar os problemas relacionados com este mesmo processo.

5.3. Avaliação e informação de retorno

Os EA entrevistados no âmbito do projecto *LIHE* expressam comentários contraditórios sobre a avaliação. Alguns referem preferirem os exames, enquanto outros preferem a realização de trabalhos escritos. Os que preferem os exames argumentam que o desenvolvimento de um trabalho escrito consome muito tempo. Outros defendem que os exames apenas testam a memória e que o conhecimento é praticamente logo esquecido quando saem da sala de exame. Além disso, muitos estudantes ficam *stressados* pelo simples facto de pensarem que têm que se sentar numa sala de exame, pois tal situação trás à memória recordações nem sempre positivas. Também sentem que não têm prática de escrever rapidamente, num período de tempo determinado. Os que preferem os trabalhos escritos argumentam que este tipo de avaliação permite ao alunos explorar em profundidade um determinado tópico.

Para ultrapassar estas dificuldades é importante implementar processos para avaliação formativa, incluindo informação de retorno (escrita ou verbal) e não responder apenas sumativamente às avaliações. Algumas sugestões incluem a oferta de sessões especificamente dedicadas a EA, para desenvolvimento de competências de estudo a ter lugar em data próxima da realização dos exames onde se explorará, por exemplo, como rever a material e onde se darão conselhos sobre como “sobreviver” a uma prova de exame; fornecer sessões para ajudar a rever a material antes do exame; disponibilizar exames de anos anteriores; oferecer sessões de aconselhamento sobre como redigir um trabalho escrito; dar informação de retorno de uma forma clara e detalhada, fornecer comentários escritos e sugestões para melhoria dos trabalhos.

⁸ Para mais informação, consultar, também, “*Guidelines for HE Progress Files*” URL: <http://www.qaa.ac.uk/academicinfrastructure/progressFiles/guidelines/progfile2001.asp>

⁹ Consultar por exemplo: *Personal Development Planning/Personal Study Plans* – URL: <http://www.heacademy.ac.uk/PDP.htm>

6. Conclusões e trabalho futuro

Não é mais possível ignorar a contribuição dos estudantes adultos no ES para o desenvolvimento da Sociedade do Conhecimento. Uma percentagem importante desta força de trabalho não teve, em devido tempo, por diversas razões, oportunidade para frequentar o ensino superior. Para além disto, neste momento as exigências são maiores. A abertura dos mercados, o aumento da competitividade entre países e organizações, e o reduzido número de cidadãos activos que possui uma formação de nível superior constituem, simultaneamente, uma oportunidade e um desafio para a União Europeia. Uma das formas de desenvolver a Sociedade do Conhecimento é, precisamente, ajudar todos os públicos, sobretudo aqueles que não tiveram, em devido tempo, uma oportunidade de obter uma formação no ensino superior ou, ainda, criar oportunidades para a actualização de conhecimentos/requalificação. Estes públicos, (estudantes adultos) têm características e necessidades de aprendizagem diferentes, que deviam ser tidas em consideração em todo o seu processo de aprendizagem. A preocupação do projecto *LIHE* foi, precisamente, identificar essas necessidades e propor algumas sugestões e linhas orientadoras que ajudem à integração de EA no ES. Neste artigo apresentámos de forma breve o projecto e alguns dos seus resultados. Também se apresentaram algumas das boas práticas identificadas. Temos consciência de que uma forma de ter sucesso no desenvolvimento de uma sociedade baseada em conhecimento é ajudando as pessoas a tornarem-se aprendentes independentes e reflexivos – isto é com capacidades que permitam, em situações reais de trabalho, localizar, adquirir e aplicar conhecimento novo [Stam, 2005:136] - , pelo que o passo seguinte será identificar de que forma tal objectivo pode ser concretizado.

7. Referências

- Bourgeois, E.; Duke, C.; Guyot, J.L. and Merrill, B. (1999). *The Adult University*, Buckingham: The Society for Research into Higher Education & Open University Press.
- Comissão das Comunidades Europeias (2001). *Tornar o espaço europeu de aprendizagem uma realidade*, COM (2001) 678 final, in Anexo II: Glossário. URL: http://europa.eu.int/comm/education/policies/III/life/communication/com_pt.pdf
- Commission of the European Communities (2005). *Mobilizar os recursos intelectuais da Europa: Criar condições para que as universidades dêem o seu pleno contributo para a Estratégia de Lisboa*, COM(2005) 152 final, de 20.4.2005
- Commission of the European Communities (2003). *The role of the universities in the Europe of knowledge*. COM(2003) 58 final, de 05.02.2003
- European Commission (2002). *European Report on Quality Indicators of Lifelong Learning: Fifteen quality indicators – Report based on the work of the working Group on Quality Indicators*. Brussels: Directorate – General for Education and Culture. URL: http://europa.eu.int/comm/education/policies/III/life/report/quality/report_en.pdf. Acedido em Junho 2005
- Johnston, R.; Merril, B.; Correia, A.M.; Sarmiento, A.; Kanervo, K.; Lonnheden, C.; Bron, A.; Alheit, P.; Henze, A.; Greer, P. and CREA (2005). *Enriching Higher Education: Learning and Teaching with Non-Traditional Adult Students*. *LIHE Handbook*. URL: <http://www2.warwick.ac.uk/study/cll/research/lihe/lihehandbook.pdf>, acedido em Junho 2005.
- Merrill, B. (2001). Learning and Teaching in Universities: perspectives from adult learners and lecturers, *Teaching in Higher Education*, 6 (1), pp. 5-17.
- Polkinghorne, D. (1995). Narrative Configuration in qualitative Analysis. Hatch & Wisniewski (Eds.), *Life History and Narrative*. London: The Falmer Press.

Stam, Christiaan D. (2005). Intellectual productivity: measuring and improving productivity in the intangible economy. *Int. J. Learning and Intellectual Capital*, 2(2) pp. 128-146.